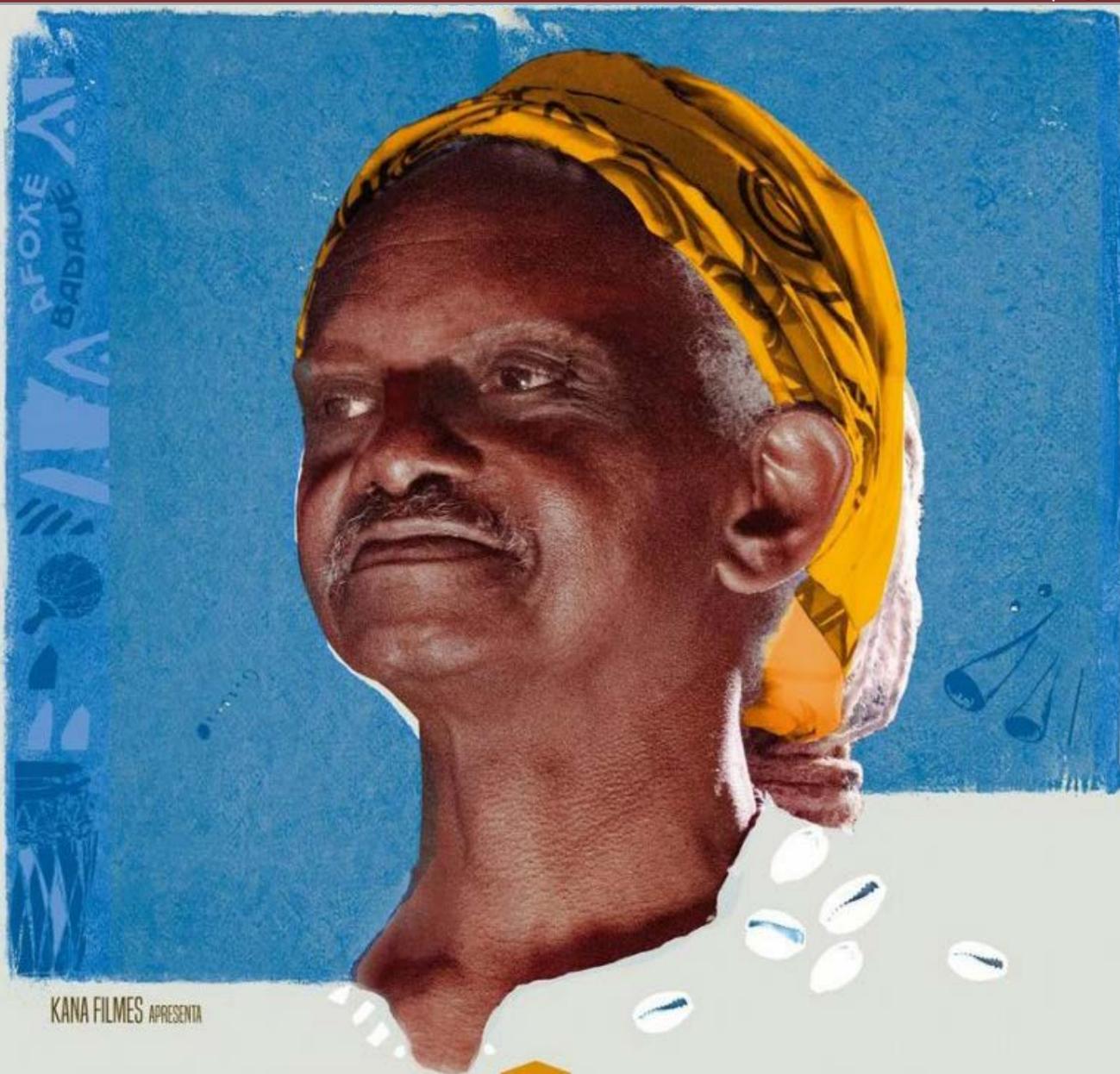


FUNDAÇÃO

Pierre Verger

BOLETIM INFORMATIVO | Agosto | 2023



KANA FILMES APRESENTA

MÔA

RAIZ AFRO MÃE

FILME CONTA TRAJETÓRIA DE MÔA DO KATENDÊ, ARTISTA REFERÊNCIA PARA A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

COMUNIDADE / ARTE-EDUCAÇÃO

Documentário homenageia artista do Engenho Velho de Brotas

O documentário *Môa Raiz Afro Mãe*, dirigido por Gustavo McNair, estreou em 03 de agosto. O filme acompanha a trajetória de Mestre Môa, uma importante referência cultural para o Engenho Velho de Brotas, bem como para a cultura afro-brasileira. _____ 03

5ª edição do Julho das Pretas do Espaço Cultural Pierre Verger

No dia 28 de julho, o Julho das Pretas, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha (25 de julho), contou com a participação de integrantes da ONG A Mulherada. _____ 06

FOTOGRAFIA

Exposição Senso dos nossos gestos na FPV Galeria

A exposição "Senso dos Nossos Gestos" foi inaugurada na Fundação Pierre Verger, Galeria, com fotografias que retratam movimentos em festividades de 12 países. _____ 07

Fotos de Verger Sobre Qhapaq Negro de Paucartambo publicadas no Peru

Franco Villagarcia Aquise, Guia da Dança de Paucartambo, comenta as festividades do Qhapaq Negro, manifestação religiosa e artística fotografada por Verger. _____ 09

Doação de foto de Verger ao Instituto Popular Memorial de Canudos

Em julho, o Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC) recebeu uma fotografia de Pierre Verger que retrata Arquilina Maria Conceição. _____ 10

Exposição O Sagrado na Amazônia apresenta fotos de Verger

A exposição "O Sagrado na Amazônia" apresenta várias manifestações do divino na região amazônica através de obras de 30 artistas, incluindo Pierre Verger. _____ 10

CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Vovó Cici, mestra Griô, recebeu o título de doutora honoris causa pela UFBA

Vovó Cici foi homenageada como mestra griô e recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal da Bahia em 12 de julho, em reconhecimento aos seus conhecimentos e habilidades na tradição oral afro-brasileira. _____ 11

Retrato de Mãe Senhora no Museu Afro Brasil Emanuel Araújo

A exposição "Mães - No Imaginário da Arte", em exibição no Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, celebra a figura materna e apresenta mais de cem obras de diferentes artistas e culturas, dentre elas o retrato de Mãe Senhora por Pierre Fatumbi Verger. _____ 12



APOIO FINANCEIRO:



SECRETARIA DE CULTURA | SECRETARIA DA FAZENDA

DOCUMENTÁRIO HOMENAGEIA ARTISTA DO ENGENHO VELHO DE BROTAS

Em 8 de outubro de 2018, dia do segundo turno das eleições presidenciais, Môa do Katendê foi assassinado em razão de uma conversa de natureza política. Assim foi a passagem de uma personalidade que dedicou sua vida a valorizar a cultura afro-baiana e a vida de milhões de afro-brasileiros que vivem em uma sociedade historicamente preconceituosa.

O documentário *Môa Raiz Afro Mãe*, dirigido por Gustavo McNair, contou com o apoio cultural da Fundação Pierre Verger durante a sua produção. Atualmente, durante a exibição nos cinemas, a Fundação tem divulgado o filme em diversos meios de comunicação. Isso se deve ao entendimento de que a trajetória de Môa é uma referência cultural e um importante legado no âmbito da cultura afro-brasileira. Mas também porque ele foi um jovem que nasceu e viveu parte da sua vida no Engenho Velho de Brotas, mesmo bairro onde Pierre Verger viveu e onde eles se tornaram amigos por meio de referências recíprocas.

No documentário, várias personalidades baianas - Gilberto Gil, Alberto Pitta, Geraldo Bada, Goli Guerreiro, Arlete Soares, Lazzo Matumbi e Marcia Short - que conheceram, trabalharam e conviveram com o artista, trazem depoimentos destacando, em primeiro lugar, o trabalho precursor de Môa no desenvolvimento de afoxés e blocos afros em Salvador nos anos 1970 e 1980. Nessa época, o Engenho Velho de Brotas testemunhou uma efervescência cultural e foi visto como uma fonte de personalidades artísticas do cenário cultural de Salvador. Foi no final da década de 1970 que o afoxé Badauê, para quem Môa compôs e escreveu muitas músicas e do qual também foi co-fun-



dador, animou não só a vida do bairro, mas também o carnaval de Salvador, tornando-se campeão no carnaval de 1979 na frente do afoxé Filhos de Gandhi, que estava completando 30 anos naquele ano.

Numa segunda fase da sua carreira, em outros estados do sul brasileiro, Môa iniciou um segundo momento longe do Carnaval, dedicando-se ao ensino da capoeira Angola e de todas as suas referências culturais, o que o documentário traz em um segundo momento. Foi através desse esporte - que apareceu inicialmente como uma atividade de resistência - que Môa sensibilizou muitos jovens e adul-

tos em Porto Alegre, São Paulo e, de forma mais geral, no mundo, para esse esporte/dança/arte/luta, carregando a história e a cultura do povo afro-baiano.

O documentário conclui observando as circunstâncias do cruel assassinato de Môa. Mas, o que é mais importante, destaca o legado que o artista deixa para o mundo e, em particular, para a sociedade afro-brasileira. Mostra como um jovem influenciado pelo movimento dos Black Panther nos anos 1970 acabou lutando pelos direitos do povo afrodescendente, celebrando sua importância principalmente através da sua expressão artística:



O diretor do documentário - Gustavo McNair - e Negrizu. | Foto: Alex Baradel

música e capoeira. A performance de Negrizu, executada nos ritmos percussivos de Gabi Guedes, acompanha admiravelmente essas considerações finais associando o legado de Môa. Segundo Gustavo McNair, diretor do filme, *“Môa, nessas múltiplas atuações dele em manifestações de matrizes africanas, mostra vários caminhos de acesso à cultura original do Brasil, à nossa entidade cultural, a essa riqueza que nem sempre tem um espaço na mídia que merecia, por racismo, por preconceito, eu acho que tem essa espiral de racismo que gera mais desconhecimento, mais preconceito, mais distanciamento, mais apagamento. O Môa mostra muitos acessos de conexão possíveis com a nossa cultura mais rica que é a nossa cultura afro-brasileira original e possibilidade de encontro com uma entidade brasileira que é tão rica, tão forte e que às vezes é esquecida”*.

MÔA, NEGRIZU E PIERRE VERGER

Negrizu, professor de dança do Espaço Cultural Pierre Verger, é uma figura cuja história acompanha trechos da vida de Moa e de Pierre Verger. Ele é um dos entrevistados do documentário, no qual também performa especialmente para o filme. Negrizu conheceu Moa nos anos 1970/1980, no Badauê, que ele acompanhou como bailarino. Foi Môa quem o apresentou a Verger, na casa dele, na mesma década. Ambos enxergaram em Verger uma figura de grande sabedoria sobre a cultura e religião afro-baiana.

“Meu encontro com Môa foi em 1978. Veio para um ensaio do Badauê que se preparava para o carnaval. Já havia um processo comigo com a dança e quando chego no Badauê o som e a música era diferente,

era o Ijexá. Môa estava por lá, com outros componentes do Badauê e aí comecei a visitar esse grupo mais frequentemente porque lá me trouxe uma grande referência da minha ancestralidade: questão da África e tudo mais. Môa me trouxe a primeira experiência de liderança com grupo, porque ele me convidou para fazer a direção do Fogo Cultural Badauê para aquecer os ensaios do Badauê. Foi a minha primeira inserção como professor de dança, proporcionado por Moa. Eu nasci e morava na época no bairro do Alto da Bola da Federação e é de lá que vinha para o ensaios do Badauê. Foi o Môa que me trouxe aqui [na casa de Pierre Verger]. O Verger era uma outra personagem na construção do Badauê, aquela referência do

carnaval e essa árvore começa a criar galhos, frutos e tal. E aí a gente não tinha todas essas informações de África, que o Verger tinha. O Verger já se tornara uma referência cultural, por causa do candomblé e aqui tinha candomblé para todos os lados: estamos perto do Gantois, da Casa Branca, do terreiro do Oxumarê e uma série de outros pequenos terreiros com tanto valor cultural como o Tumba Junsara e muitos outros. Não é a toa que Verger veio residir nesse lugar. Então nesse momento, por uma questão temática para o carnaval, os temas do Badauê eram: explosão afro-mãe, raiz afro-mãe. O Badauê trazia esses temas, que saíam da cabeça do Môa e chegou a ter dezenas de diretores, cada um com uma função muito definida: alguns que costumavam, outros administravam, etc... e havia uma arte para ser decifrada e a gente não podia se desprender da originalidade disso. Ai entra o Verger. Um dia desses eles deviam passar por aqui por uma questão de pesquisa que tinha que fazer na casa de Verger, eu estava lá me tornando de uma certa forma uma referência no Badauê e aí Môa apareceu na minha casa,

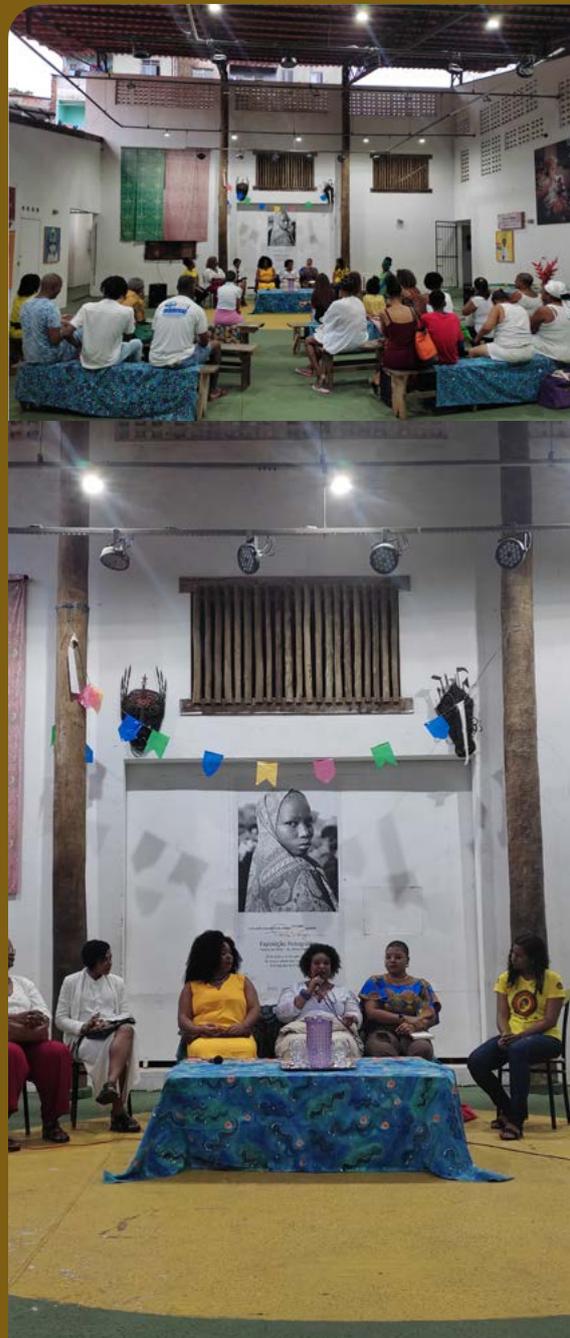
e dali fomos para a casa do 'francês' Pierre Verger e assim cheguei na Casa de Verger com o Moa e o Queiroz, que depois criou um Afoxé chamado 'Afoxé Monte Negro' que foi criado em homenagem a Carybé. Cheguei aqui com eles, sentamos na sala de baixo e começamos a falar com Verger que falava das referências dos Orixás e ouvi calmamente, meio extasiado, pois Verger era um escritor, um fotógrafo, mas vivendo nessa casa relativamente simples, com esteiras. Isso foi o meu primeiro contato com Verger, final de 1982, início de 1983... Verger era um mestre que passava os ensinamentos com cordialidade. Ele tinha uma respeitabilidade. Éramos jovens diante de um fenômeno conhecedor da cultura e a gente ficava atencioso. Tudo o que ele falava tinha que ser absorvido. As primeiras vezes que eu vi, um senhor calvo com os olhos azuis vestido com roupas africanas e sandália havaiana. A gente olhava para ele e quando ele começava a falar você era só ouvidos. Era uma convivência muito agradável e quando cheguei aqui pela primeira vez, me parece que me reencontrei. Verger me falou que eu podia voltar e pensei. Antes

eu pensava dele como um escritor, rico, e quando chego vejo Verger com o cara mais simples que eu poderia ter conhecido, pensei puxa, vou ver esse cara... Me sinto muito discípulo de Verger."

Pouco depois desse encontro, Negrizu começou a trabalhar com Verger na classificação do seu acervo fotográfico. A partir de 2003, e até hoje, é professor responsável pelas Oficinas de Dança Afro Contemporânea e de Expressão Corporal no Espaço Cultural Pierre Verger. Este relato de Negrizu sobre seu encontro com Verger, por meio de Moa, expressa não só os valores de simplicidade, boa convivência e respeito que foram tão significativos para a vida de ambos, mas também destaca - ao mencionar o local físico desse encontro - a casa de Verger como um lugar de reencontro com o senso de comunidade afro-baiana, que continua vivo por meio das atividades da Fundação Pierre Verger, especialmente no bairro do Engenho Velho de Brotas.



MÔA
RAIZ
AFRO
MÃE



Fotos: Alexandre San Goes

SARAU JULHO DAS PRETAS

Luta e resistência da mulher negra na sociedade baiana

28 de julho de 2023 às 16h30

ESPAÇO CULTURAL PIERRE VERGER



Jucélia Teixeira



Joseane Nascimento



Jordana Barbosa



Raime Paixão



Paula Marine



Maria Isabel



Cláudia M. Rosa



Isadora Cruz



Mônica Kalile

Local: Ladeira da Vila América, 18 - Engenho Velho de Brotas
Tel. 3203-8409/8411 | E-mail: espacocultural@pierreverger.org



Foto Pierre Verger | Salvador, Bahia, Anos 1950

5ª EDIÇÃO DOS JULHO DAS PRETAS DO ESPAÇO CULTURAL PIERRE VERGER

A 5ª edição do Julho das Pretas no Espaço Cultural Pierre Verger aconteceu no dia 28 de julho, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha (25 de julho). O evento deste ano teve como foco a valorização e o reconhecimento da luta e resistência da mulher negra na cultura baiana. O sarau foi conduzido por Jucélia Teixeira, coordenadora pedagógica do Espaço Cultural Pierre Verger, e contou com a participação de Cláudia M. Rosa, Isadora Cruz, Maria Isabel dos Santos, Raime Paixão, Jordana Barbosa, Joseane Nascimento, Paula Marine e Mônica Kalile. As convidadas refletiram sobre os desafios enfrentados pelas mulheres

negras, compartilhando experiências pessoais e profissionais que exaltam a força e potência da mulher negra. A participação de Mônica Kalile, advogada criminalista, especialista em Direito Público e Controle Municipal, ex-superintendente de Políticas para Mulheres e fundadora do Instituto A Mulherada, juntamente com outras participantes deste instituto - Joseane Nascimento e Paula Marine -, serviu de inspiração para divulgar as ações da organização não governamental (ONG) A Mulherada. A ONG desenvolve ações culturais e sociais para promover a equidade de gênero, oferecendo cursos profissionalizantes, estímulo ao

empreendedorismo e o combate à violência doméstica e ao racismo. O Instituto busca promover a inclusão social de adolescentes, jovens e mulheres negras em situações de risco ou conflito familiar, fortalecendo sua autoestima e conhecimento de direitos. Além disso, preserva a cultura africana por meio da arte, educação e cultura afro para diálogos sobre direitos humanos e combate a abusos. Com uma trajetória de 22 anos de dedicação, o Instituto A Mulherada tece uma rede de ações afirmativas através da arte, educação e música, fortalecendo o protagonismo das mulheres e enfrentando a violência doméstica e familiar que as afeta.

Em agosto, a exposição intitulada “Senso dos Nossos Gestos” entrou em exibição na Galeria da Fundação Pierre Verger, no Pelourinho, em Salvador. A exposição reúne fotografias de Pierre Verger que retratam movimentos singulares e comuns em festividades de 12 países em quatro continentes, capturadas pelo fotógrafo entre os anos de 1930 e 1960.

As 29 ampliações analógicas apresentadas na mostra ilustram a diversidade cultural ao redor do mundo, destacando os diferentes contextos culturais, mas também o gesto comum a todas as culturas, o que possibilita uma apreciação conjunta do dinamismo expresso nas fotografias.

Com curadoria de Alex Baradel e Alexandre San Goes, a exposição faz uma dupla referência à fotografia e à cultura popular, celebrando o “Mês da Cultura Popular” na Bahia e o Dia Mundial da Fotografia em 19 de agosto. Conforme expresso por eles, sustentando a visão curatorial da exposição: “Pensar a cultura como um movimento implica considerar o espaço em que ela pode ocorrer e se transformar continuamente, por meio de gestos que se reproduzem e se atualizam em um conjunto de práticas e encontros. Encontrar o Outro e manter-se interessado nas possibilidades de ser ‘outro’ formam aquilo que Pierre Fatumbi Verger expressou ao longo de sua vida e obra: o gesto de se colocar junto. Distanciando-se, não por acaso, de uma visão elitista da cultura ocidental focada na arte erudita, e influenciado por amigos ligados ao movimento dissidente do surrealismo, Verger direcionou seu olhar para o cotidiano das culturas populares dos cinco continentes, como ilustrado em sua obra fotográfica e pode ser visto nesta exposição com esses Outros em festa”.

Na obra fotográfica de Verger, encontramos muitos elementos que expressam a atmosfera festiva das ruas, celebrando histórias, músicas, danças e ritmos das culturas

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA DE PIERRE VERGER

Senso dos nossos gestos

Fundação Pierre Verger Galeria | Agosto a Outubro de 2023
Portal da Misericórdia, nº 9, Loja 1 - Centro Histórico, Salvador-BA



FUNDACÃO Pierre Verger

Apoio Financeiro: FUNDAÇÃO CULTURAL ESTADO DA BAHIA funceb

Fundo de Cultura

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA SECRETARIA DE CULTURA SECRETARIA DA FAZENDA

populares, formando um conjunto vibrante de experiências culturais diversas. Verger percebeu bem que as festas populares mostram aspectos importantes da cultura de uma comunidade, como crenças, tradições e valores. Elas refletem a identidade cultural e ajudam a preservá-la para as gerações futuras.

Um exemplo disso é a Festa do Bonfim em Porto-Novo, Benin, nos anos 1950. Trata-se de uma festividade cultivada pela comunidade agudá, composta por descendentes de brasileiros que retornaram à África. Vestidas com roupas tradicionais agudás e dançando a burrinha, as jovens que aparecem na fotografia aderem com bas-



Fotos Alex Baradel

tante entusiasmo aos festejos em celebração ao Nosso Senhor do Bonfim. Essa festividade é notavelmente inspirada na celebração realizada na Bahia. Verger aprofundou-se nesse tema em suas pesquisas sobre os fluxos e refluxos que envolvem a relação entre África e Bahia.

O título da exposição foi inspirado em um discurso de Gilberto Gil, quando assumiu o Ministério da Cultura em 2003, definindo cultura como “o sentido de nossos atos,

a soma de nossos gestos, o senso de nossos jeitos”. Assim, a mostra celebra a poética desse “senso”, que fundamenta os modos de ser e viver em conjunto, com gestos e movimentos presentes nas mais diversas culturas ao redor do mundo.

Não perca a oportunidade de apreciar esta exposição e deixar-se envolver por todos esses gestos que retratam o dinamismo cultural do nosso mundo.

SERVIÇO

Exposição “Senso dos Nossos Gestos” - Fotografias de Pierre Verger
Temporada: de agosto a outubro de 2023.

Visitação: De segunda a sábado, das 9h às 19h

Local: Fundação Pierre Verger Galeria

Endereço: Rua da Misericórdia, 09, loja 1, Centro Histórico, Salvador



FOTOS DE VERGER SOBRE QHAPAQ NEGRO DE PAUCARTAMBO PUBLICADAS NO PERU

Fotos de Pierre Verger durante as festividades do Qhapaq Negro em Paucartambo (Peru) ilustram o livro “Qhapaq Negro Paucartambo Nuestra Historia”. A seguir, confira o texto de Fredi Villagarcia Aquisé, Guia da Dança da Cuadrilla Mayor do Qhapaq Negro de Paucartambo, explicando a história dessa manifestação religiosa e artística que remonta ao passado colonial das pessoas negras escravizadas nas minas e fazendas da região.

Pierre Verger e a recuperação do patrimônio imaterial de Paucartambo – Peru

Por Fredi Villagarcia Aquisé

A Cuadrilla Mayor do Qhapaq Negro de Paucartambo é uma dança que participa da Festa da Virgem do Carmo de Paucartambo em Cusco (Peru) e representa os escravos negros que foram trazidos há três séculos para trabalhar nas minas e fazendas da região e que, em demonstração de sua fé na Imagem da Virgem do Carmo, irromperam durante as festividades em sua honra.

Como manifestação cultural e religiosa, o Qhapaq Negro de Paucartambo tem antecedentes coloniais e presença ativa na época republicana do Peru, mantendo sua presença neste século como um símbolo de tradição, resistência e fé.

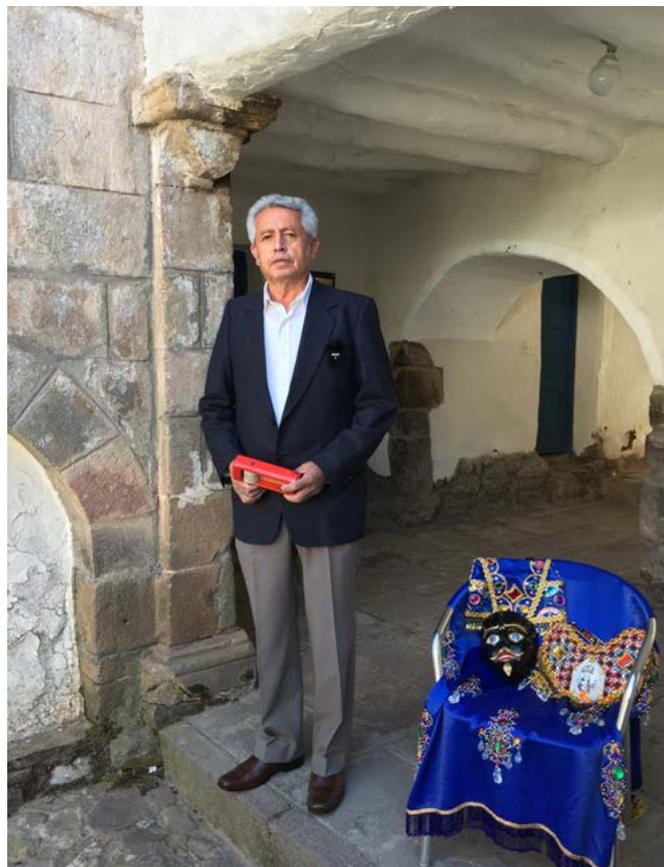
Contar a história do Qhapaq Negro e sua presença nessas terras é uma tarefa árdua porque muita de sua história se perde no tempo. Alguns destacados pesquisadores contribuíram com suas obras para preencher esses espaços; no entanto, a ausência de imagens sobre a evolução da dança foi um obstáculo para plasmar nossa história.

O Qhapaq Negro, como manifestação artística religiosa, teve momentos de silêncio ou ausência dentro da Festa da Virgem do Carmo, por motivos naturais que sempre ocorrem nessas manifestações artísticas, sendo que nos anos 60 do século passado esteve ausente no desenvolvimento da festividade da Virgem. E já no ano de 1972, reapareceu recuperando os lugares e momentos de especial protagonismo.

No entanto, no ano de 2019, devido à pandemia, a festa da Virgem foi suspensa devido à emergência de saúde e, coincidentemente, a comemoração dos cinquenta anos da reaparição de nossa dança em 2022 estava próxima, de tal maneira que assumimos o desafio de celebrar esses cinquenta anos de presença com a narração de nossa história plasmada no livro “Qhapaq Negro Paucartambo Nuestra Historia”, apresentado em oito de julho de 2022.

As páginas e imagens do livro “Qhapaq Negro de Paucartambo, Nuestra historia” são a soma de um esforço coletivo e permitiram plasmar as memórias daqueles que ainda integram a dança e, adicionalmente, foram entrevistados ex-dançarinos, descendentes de ex-dançarinos, especialistas e moradores de Paucartambo que ainda mantêm em suas memórias a passagem do antigo dançarino negro. Nesta proposta, encontramos um obstáculo que, em determinado momento, ameaçava a visão da impossibilidade de alcançar o objetivo de materializar nossa proposta histórico-cultural; pois tínhamos a informação textual e não encontrávamos imagens gráficas que pudessem validar a informação literária, mas graças à visão e decisão de alcançar a meta, em nossa busca, encontramos que no passado houve uma pessoa que com certeza tinha esse ímpeto aventureiro e artístico; estamos nos referindo ao senhor Pierre Verger que, graças a uma parte de sua inestimável obra cultural para a posteridade, podemos contar parte de nossa história e contribuir para a preservação do patrimônio cultural imaterial.

O livro contém uma série de imagens de destacados fotógrafos que capturaram o passo do Qhapaq Negro ao longo do tempo, é claro que se destacam entre elas as imagens do fotógrafo Pierre Verger, pois seu registro fotográfico mostra o Qhapaq Negro antes da última reaparição. É por isso que a Cuadrilla Mayor Qhapaq Negro de Paucartambo Cusco Peru, nestas linhas, expressa a mais profunda gratidão à Fundação Pierre Verguer por nos permitir acessar seus registros gráficos e inserir parte de suas valiosas imagens para a publicação de nosso livro “Qhapaq Negro Paucartambo, Nuestra Historia”.



Fredi Villagarcia Aquisé. Foto Franco Villagarcia Gonzales

DOAÇÃO DE FOTO DE VERGER AO INSTITUTO POPULAR MEMORIAL DE CANUDOS

Em julho, uma fotografia de Pierre Verger foi adicionada ao acervo do Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC), em Canudos, Bahia. A foto, doada pela Fundação Pierre Verger ao Instituto, é o retrato de Dona Arquilina Maria Conceição, um registro fotográfico feito por Verger em 1946, quando visitou a Canudos que foi reconstruída pelos sobreviventes da guerra e seus descendentes. O contato entre as instituições foi feito por João Batista da Silva Lima (bisneto de Dona Arquilina), que entregou a foto.

Para marcar esse momento, o IPMC reuniu filhos, netos e bisnetos de Dona Arquilina, que era descendente conselheirista e filha de Maria Ernesto dos Santos. Seu irmão, Manoel Ernesto dos Santos (Manoelzão), foi afillhado do peregrino Antônio Conselheiro. Esse momento foi marcado por reencontros, emoções e memórias de vivências que atravessam a singular história de Canudos.

O IPMC foi criado em 1993, durante as celebrações do centenário de fundação do Arraial de Belo Monte, e desempenha um papel

significativo no resgate histórico de Canudos. Ele acolhe pessoas e grupos que visitam a cidade com o propósito de conhecer seus locais históricos, ter acesso ao acervo material e imaterial oriundo dos descendentes conselheiristas e a diversas publicações presentes no Instituto.



João Batista da Silva recebendo a Foto na FPV. Foto Alexandre San Goes



Foto Natanael Santos Gonçalves

EXPOSIÇÃO O SAGRADO NA AMAZÔNIA APRESENTA FOTOS DE VERGER

Esteve em cartaz de junho a agosto, a exposição "O Sagrado na Amazônia" no Centro Cultural Inclusartiz, no Rio de Janeiro. Com curadoria de Paulo Herkenhoff e Lucas Albuquerque, a exposição apresentou as diferentes manifestações do divino na região amazônica, a partir dos olhares de 30 artistas e coletivos. Pierre Verger participou da exposição com quatro fotografias de Belém e Suriname, todas de 1948. A mostra faz parte do programa "Amazônia, Agora", que busca aproximar pontos de vista que partem da floresta e de seus múltiplos agentes para percebermos que até as questões mais urgentes necessitam de um mínimo de contemplação.

Centro Cultural Inclusartiz apresenta:

Thiago Martins do Meio - Mito do centro e do centro popular, 2021
Foto: Bruno Leão (Estúdio em Rio de Janeiro)

O SAGRADO NA AMAZÔNIA

curadoria
PAULO
HERKENHOFF

programa

abertura
sábado,
24 de Junho
às 11h

Centro Cultural Inclusartiz
Rua... 2021



No dia 12 de julho, Nancy de Souza e Silva, mais conhecida como Vovó Cici, recebeu o título de Doutora Honoris Causa concedido pela Universidade Federal da Bahia, no Salão Nobre da Reitoria, durante o XVIII Congresso Internacional da ABRALIC - Associação Brasileira de Literatura Comparada.

O título foi proposto por professoras do coletivo Netindeafro (do Instituto de Letras da UFBA), encabeçado pela professora Denise Carrascosa, e homenageia Vovó Cici como mestra griô, uma contadora de histórias que é herdeira dos saberes e fazeres da tradição oral afro-brasileira. A mesa solene da cerimônia foi presidida pelo reitor Paulo Miguez. Além da homenageada Vovó Cici, o vice-reitor Penildon Silva Filho, a professora Alvanita Almeida, diretora do Instituto de Letras e a professora Denise Carrascosa, também estiveram presentes na mesa.

A cerimônia de titulação contou com a participação artística dos alunos de percussão do projeto Rum Alagbê, incluindo Iuri Passos e Luan Badaró, respectivamente ex-professor e professor atual de percussão do Espaço Cultural Pierre Verger. Eles acompanharam a contação de histórias apresentada por Vovó Cici, que compartilhou dizeres sábios que prenderam a atenção do público. Vovó Cici foi ovacionada em diversos momentos por uma grande audiência, in-

cluindo membros da comunidade UFBA, autoridades governamentais e religiosas, como filhos e filhas de santo, yalorixás e balorixás que prestigiaram Vovó Cici de Oxalá, Egbomi do Ilê Axé Opô Aganjú.

“Esse título não é só meu, eu compartilho com todos, todas, todes e os que mais vierem. Compartilho também com aqueles e aquelas que caminharam comigo em épocas não tão distantes, empunhando uma bandeira de liberdade e compreensão, durante os anos de ferro em que ficamos aprisionados sem grades e sem correntes”, comemorou Vovó Cici, uma carioca que há décadas escolheu a Bahia para viver e que foi agraciada com o Título de Cidadã Soteropolitana, a mais alta honraria concedida pela Câmara Municipal de Salvador, em 2022.

Vovó Cici atua na Fundação Pierre Verger desde o final de 1994, quando, recém-aposentada, trabalhou inicialmente com Pierre Verger no levantamento de legendas de fotografias relacionadas à cultura afro-brasileira e contextos africanos correspondentes. Sua participação se deu na ocasião de um projeto de documentação das lembranças do próprio Verger sobre suas fotos, projeto financiado pela ONG Wege zur Einen Welt (Caminhos para um só mundo), da Alemanha. Após o término desse projeto, logo após a morte de

Pierre Verger no início de 1996, ela tornou-se funcionária da Fundação.

Desde 2004, atua como contadora de histórias no Espaço Cultural Pierre Verger, inicialmente para as turmas das oficinas de capoeira e esporte e, posteriormente, para a turma da oficina de culinária criativa. Foi com as crianças dessa oficina, com a participação e co-autoria das professoras Josmara Fregoneze (fotografia) e Marlene da Costa (culinária), que foi idealizado e realizado o livro “Cozinhando Histórias” (2015). Para o livro, Vovó Cici contou as histórias que acompanham muitos dos pratos da culinária afro-brasileira e de Axé. As receitas foram preparadas pela turma de culinária de Marlene, e o processo do preparo foi fotografado por Josmara.

Em 2010, Vovó Cici tornou-se Mestra Griô através de um projeto submetido à Ação Griô Nacional, uma rede de gestão compartilhada coordenada por sete pontos de cultura e pelo Ministério da Cultura, que envolveu 130 projetos pedagógicos de diálogo entre a tradição oral e a educação formal. O projeto inscrito pelo Espaço Cultural Pierre Verger foi realizado no próprio espaço e em algumas escolas municipais do bairro parceiras, que foram visitadas por Vovó Cici e outros integrantes do projeto da Ação Griô, como o Professor de dança do Espaço Cultural, Ne-

grizu e, como convidado, Moa do Katende e seu filho, Ranieri dos Santos da Costa (Mifi), além do jovem griô aprendiz Antônio Sérgio Brito.

Os anos passaram e Vovó Cici expandiu seus horizontes, ganhando reconhecimento nacional e internacional. Inicialmente, isso ocorreu através de várias viagens a países diferentes e, especialmente, durante a pandemia Covid-19, que limitou a locomoção e circulação, mas abriu possibilidades de comunicação virtual, antes

não experimentadas. Assim, muito mais pessoas passaram a conhecer Vovó Cici através de lives, contações de histórias virtuais e das redes sociais, tornando-a amplamente conhecida.

É com muito orgulho que a Fundação Pierre Verger vê o reconhecimento público dos saberes de uma de suas colaboradoras, que serve de inspiração para todos na busca por um mundo mais humano e harmonioso. Parabéns!



Foto: Alex Baradel

RETRATO DE MÃE SENHORA NO MUSEU AFRO BRASIL EMANOEL ARAÚJO

Em cartaz no Museu Afro Brasil Emanuel Araujo, em São Paulo, a exposição “Mães - No Imaginário da Arte” celebra a figura materna e inclui mais de cem obras de artistas de diferentes épocas e culturas. A exposição engloba a arte colonial, acadêmica, moderna e contemporânea e é a primeira série de exposições temporárias após o falecimento de Emanuel Araujo (1940-2022), em respeito ao fundador e diretor curador da instituição.

Pierre Fatumbi Verger participa da exposição com o icônico retrato de Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora, ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, durante o período de

1942 a 1967.

Mãe Senhora, a quem Verger ficou primeiro amigo e depois tornou-se filho espiritual, foi justamente a ialorixá que o iniciou em 1948 e lhe conferiu o título de “Oju Obá”, os olhos de Xangô. Esse fato contribuiu muito para seu papel de mensageiro entre a Bahia e a África. Assim, em suas frequentes viagens à África, Verger tornou-se um interlocutor interessado na retomada das relações entre afro-brasileiros e africanos.

Em 1952, por exemplo, ele visitou o palácio do Oba Adeniram Adeyemi, o Alafin (rei) de Oió, na Nigéria, e o presenteou com um retrato de Mãe Senhora. Foi assim

que Verger se tornou o portador de um edun ará, um xerê de Xangô e uma carta escrita pelo Alafin Oió em 14 de agosto de 1952, endereçada à Mãe Senhora. Nela, o rei concedia a ela o título honorífico de “Iá Nassô”, tornando-a espiritualmente a fundadora desta família de terreiros de candomblé da nação de Ketu, na Bahia.

Em 1965, ao receber o título de “Mãe Preta do Brasil”, Mãe Senhora foi aclamada pelas comunidades religiosas afro-brasileiras no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, que ficou lotado em sua homenagem.

Claudinei Roberto da Silva, curador e idealizador da mostra no Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, destaca o papel das mães afrodescendentes no Brasil e em outras partes da diáspora africana, notavelmente das ialorixás como figuras influentes nas comunidades espirituais e sociais. Ele observa que “as ialorixás, matriarcas que lideram a vida de comunidades inteiras, resistem, acalentam e incentivam as relações que criam histórias e memórias”.

SERVIÇO:

O Museu Afro Brasil Emanuel Araújo abre de terça a domingo, das 10h às 17h (com permanência até às 18h). O ingresso custa R\$ 15,00 (inteira) ou R\$ 7,50 (meia). A entrada é gratuita às quartas-feiras.





FUNDAÇÃO PIERRE VERGER

Presidente: Gilberto Sá.

Edição: 08/2023.

Expediente: Boletim Informativo bimestral, elaborado pela Comunicação da Fundação Pierre Verger.

Coordenação: Alex Baradel, Alexandre San Goes.

Todos os textos de Alexandre San Goes, exceto sobre o documentário "Moa Raiz Afro Mãe" (Alex Baradel).

Diagramação: Alex Baradel.

Revisão de Textos: Angela Lühning, Marcus Gusmão, Dione de Araújo Baradel.

Contato: comunicacao@pierreverger.org

A Fundação Pierre Verger se mantém por meio do recebimento dos direitos autorais e da venda de obras e produtos estampados com fotografias de Pierre Verger, com apoio financeiro do Governo do Estado da Bahia, através do Fundo de Cultura. Toda renda obtida com a obra do seu instituidor é revertida para a preservação de seu acervo e manutenção do Espaço Cultural. Interessados em contribuir com a Fundação podem entrar em contato através do endereço fpv@pierreverger.org.

FUNDAÇÃO


Fundação Pierre Verger

2ª Travessa da Ladeira da Vila América, 06, Engenho Velho de Brotas.

Salvador, Bahia, Brasil. CEP: 40.243-340.

Tel.: +55 71 3203.8400 | www.pierreverger.org | @fundacaopierreverger